

CUT quer agrupar em maio todos os aumentos salariais

O movimento sindical esquenta... em abril sob o comando da CUT

São Paulo — A partir deste ano, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) desencadeia, com força, a luta pela unificação de todas as datas-bases em maio, ressuscitando assim uma velha bandeira do movimento sindical. Os dirigentes sindicais estão conscientes de que esse não é um objetivo a ser alcançado no curto prazo, mas entendem que a unificação de todas as campanhas salarial na mesma data imprimirá ao movimento sindical um poder de fogo ímpar.

“As datas-base são hoje distribuídas de acordo com o interesse dos patrões. Os trabalhadores não aceitam tal imposição”, adverte o presidente da CUT em São Paulo, Jorge Coelho. Depois de um ano em que foram realizadas cerca de 600 greves, a perspectiva para 1986 é de que a fervura sindical continue intensa. Em São Paulo, o calendário de greves pode ser aberto em fevereiro, com a campanha dos 28 mil sapateiros de Franca, que pararam pela primeira vez no ano passado.

Pressão máxima em abril

Em março, o caldo esquenta ainda mais. A direção da CUT entrega ao governo uma pauta nacional de reivindicações, tentando abrir um canal de negociação que leve à assinatura de um contrato coletivo de trabalho. De fato, tal negociação já foi iniciada, que pela via indireta. A CUT recebeu uma sondagem informal do governo sobre a viabilidade de discutir um contrato coletivo e respondeu através dos jornais, mostrando que aceita tal forma de acordo, desde que não abra mão do direito de greve.

Mantido o direito de greve, março é o mês em que podem parar os estivadores e os professores de Santos. Os metroviários de São Paulo — que no ano passado usaram como instrumento de pressão a abertura das catracas do metrô ao público — também entram em negociação.

É em abril e maio, no entanto, que o movimento sindical tende a atingir sua temperatura máxima. A CUT tentará reeditar a campanha salarial unificada, levando uma pauta de reivindicações conjuntas de todas as categorias com datas-bases nesses meses. Conta, para isso, com um trunfo importante. Em abril, começam as negociações entre os 600 mil metalúrgicos do interior e do ABC paulista com a FIESP. É o mês do reajuste para os 400 mil professores de São Paulo e todo o funcionalismo público estadual. E também a hora da negociação para os 15 mil trabalhadores nas indústrias de alimentação de Jundiaí — uma categoria pequena, mas que opera as máquinas de indústrias como a Paoletti e a Cica.

Se a CUT tiver sucesso na unificação das campanhas salariais de abril e de maio, irá aproveitar-se de uma feliz coincidência. Em maio, além do Dia do Trabalhador — que a CUT pretende comemorar com uma grande manifestação — reabre-se a temporada de discussões para os 450 mil bóias-frias de São Paulo. Segundo Jorge Coelho, a CUT, hoje, já conta com a filiação dos sindicais rurais de Guariba, São Joaquim da Barra, Mirassol, Fernandópolis, Mirandópolis e Junqueirópolis. “Temos também influência em mais de 25 sindicatos do interior”, assegura o dirigente sindical.

Além dessas categorias, entram em discussão os novos contratos coletivos da construção civil na capital e em diversas cidades do interior. Há ainda categorias menores, mas com disposição

de fazer ressoar alto as suas reivindicações, como os condutores autônomos de Campinas, os condutores de Santo André e de Guaratinguetá e os ferroviários de São Paulo.

— Podemos mobilizar, no mínimo, cerca de 2 milhões de trabalhadores em maio — estima Jorge Coelho, mostrando que a deflagração de movimentos grevistas depende, fundamentalmente, da resposta do governo à pauta de reivindicações da CUT: “Temos que dirigir nossas reivindicações para o patrão maior, que é o governo. Com ele, a data-base é o primeiro de maio”.

O presidente da CUT estadual entende que, na teoria, o movimento sindical continuará respeitando as datas-base. Mas, na prática, “estamos criando um fato novo com o envio da pauta ao governo. Com os empresários, passaremos a negociar apenas as questões específicas”, adiantou.

Quente de novo em setembro

No calendário sindical, junho é o mês da calma, salvo imprevistos. Com exceção dos funcionários do Poder Judiciário, dos enfermeiros e duchistas de Santos, dos engenheiros e agentes de turismo de São Paulo — categorias com reduzido grau de mobilização —, não há qualquer outra categoria profissional com data-base nessa época. E a hora de tomar fôlego para o segundo semestre, que começa em julho com a campanha salarial dos vigias portuários de Santos, normalmente sensíveis aos apelos das lideranças sindicais.

No segundo semestre, a movimentação começa efetivamente em setembro, com as campanhas salariais dos bancários, dos aeronautas e dos petroleiros, levadas a nível nacional. É também o período de negociações para os médicos de São Paulo que, se não fizerem greve, estarão praticamente quebrando uma tradição dos últimos anos.

Em novembro, a CUT reedita a campanha salarial unificada, com as negociações de 26 categorias profissionais lideradas pelos metalúrgicos e químicos de São Paulo, a exemplo do que aconteceu em 1985. Para repetir o feito, precisará entender-se com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, ligado à Conclat. Possivelmente, à sua frente estará o atual vice-presidente Luís Antônio Medeiros, já que o presidente Joaquim dos Santos (Joaquinzão) estará licenciado, concorrendo às eleições para a Constituinte.

Para Jorge Coelho, “as campanhas unificadas fortalecem as categorias menores, além de interessar o movimento sindical do ponto-de-vista da mobilização”. Ele lembra que, dificilmente, os padeiros de São Paulo teriam conseguido um aumento real de 12% em 1985, se não tivessem embarcado na campanha salarial unificada, com bandeiras de luta comuns.

Em dezembro, a temperatura volta a baixar. Os aeroviários formam a única categoria de expressão a ter data-base nesse mês, ao lado dos jornalistas, comerciários e desenhistas. Na área industrial, é o mês do acordo para marceneiros e vidreiros — categorias que apresentaram, em 1985, um relativo grau de mobilização.

O calendário sindical, no entanto, ainda não está fechado. A eclosão de greves depende fundamentalmente de dois agentes: de um lado, o governo pode jogar água na fervura se aceitar algumas das reivindicações apresentadas pela CUT; do outro, ainda é imprevisível a disposição do patronato na mesa de negociações. A CUT irá jogar o seu peso para conseguir bons acordos, seja qual for a esfera de discussão.

Mas o seu presidente nacional, Jair Meneguelli, alertou que dificilmente acatará aumentos reais de 6% como pretende o governo. Também presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Jair já antecipou que os metalúrgicos da região não se contentarão com aumentos reais inferiores aos 12% conseguidos pelos metalúrgicos da capital.

